

COMENTÁRIOS À ETNOGRAFIA OPERÁRIA DE PIALOUX E BEAUD COM “BOURDIEU NA CABEÇA”

José Sergio Leite Lopes¹

Resumo: Este texto procura comentar o artigo de Pialoux e Beaud trazendo uma visão testemunhal do contexto da trajetória de uma rara parceria intelectual duradoura nas ciências sociais que se inspira, para sua etnografia operária, na relação com uma terceira pessoa, no caso Bourdieu, que lhes fornece instrumentos de apoio e de contraposição. O texto se inspira no mote que Pialoux e Beaud lançam sobre uma “virada etnográfica” da sociologia francesa nos anos 90 para fazer comparações com a apropriação etnográfica precoce da produção de Bourdieu no Brasil e sua contribuição para uma antropologia do campesinato e das classes trabalhadoras.

Palavras-chave: Etnografia Operária de Longa Duração; Apropriações etnográficas de Bourdieu na França e no Brasil; Impressões do contexto da aproximação de Pialoux e Beaud.

Abstract: This text aims to comment on the article of Pialoux and Béaud by bringing a testimonial insight to the context of the singular and long-lasting intellectual partnership in social sciences which, in turn, takes its inspiration for their working class ethnography from a third person, Pierre Bourdieu. The latter provides them with tools of both support and contraposition. The text takes its source from a motive suggested by Pialoux and Béaud on a sort of “ethnographical turn” within French sociology of the nineties, in order to compare it to the precocious use of the early ethnographical work of Bourdieu in Brazilian anthropological studies of the peasantry and the working classes.

Key-Words: Long Run Working Class Ethnography; Bourdieu’s Ethnographic Use in France and Brazil; Impressions from the context of Pialoux and Beaud reciprocal approach.

O artigo em grande parte memorialístico de Pialoux e Beaud auto-analisa a trajetória de uma rara parceria intelectual duradoura nas ciências sociais que se inspira na relação com uma terceira pessoa, no caso Bourdieu, que lhes fornece instrumentos de apoio e de contraposição. Sou testemunha do início dessa parceria entre Beaud e Pialoux, quando eu estava num período de estágio de pós-doutorado no centro dirigido por Bourdieu na École des

¹ Museu Nacional, UFRJ.

Hautes Études en Sciences Sociales, do qual participava Pialoux, e tive oportunidade de continuar acompanhando-a através de encontros de forma esporádica. Os autores marcam sua dívida intelectual com Bourdieu diante das disputas no campo sociológico que procuram minorar as contribuições do sociólogo tornado clássico para as novas gerações. No artigo conhecemos aspectos inéditos da trajetória de ambos os autores, especialmente da de Michel Pialoux.

Menos em evidência no grupo de Bourdieu nos anos 80 quando o conheceram Afranio Garcia e Marie-France Garcia-Parpet, estes nossos colegas oriundos da Antropologia do Museu Nacional e do IFCS da UFRJ, então em período de pós-doutorado no centro de Bourdieu na EHESS. Logo reconheceram Pialoux como um interlocutor privilegiado dentre os pesquisadores daquele centro. Pesquisadores que eram do campesinato e das feiras nordestinas, os Garcia logo se aproximaram daqueles pesquisadores, como Sayad e Pialoux, que investiam nos setores dominados da sociedade francesa como seus setores operários e seus migrantes magrebinos. Mas, enquanto Sayad pertencia à primeira geração dos discípulos de Bourdieu (senão o primeiro, acompanhando-o desde as pesquisas na Argélia do final dos anos 50 e do início dos 60) e havia com ele publicado, Pialoux investia solitário no mundo operário que praticamente não tinha lugar explícito nas preocupações do centro de Bourdieu. E assim iniciamos, eu mesmo e Rosilene Alvim, nossos contatos com Pialoux quando de nosso pós-doc em 1988, recomendados pelos Garcia, já cúmplices em nossas trocas de experiências com pesquisas no mundo operário em meio a grupos de pesquisa majoritariamente dedicados a outros temas.

Como dizem Pialoux e Beaud no artigo “Partir para o trabalho de campo...” na nota de rodapé nº 8, Pialoux não pertencia aos círculos mais íntimos que Bourdieu havia formado progressivamente em torno de si durante sua trajetória de pesquisa e que tomou impulso como um centro de fixação e desenvolvimento quando do início de sua implantação como diretor de estudos na EHESS desde 1964. Tal percurso (que implicou um rastro de atração de colaboradores) pode ser explicitado como sendo a grosso modo, desde a faculdade de filosofia na Argélia (de onde provêm Abdelmalek Sayad e depois o técnico de informática Salah Bouhedja) até a sociologia na faculdade de Lille (Yvette Delsaut, François Bonvin, Michel Pinçon, Philippe Fritsch) e posteriormente em Paris entre seus alunos e pesquisadores na própria EHESS até o início do empreendimento da revista *Actes de la Recherche* que se iniciou em 1975. Entre seus colaboradores iniciais estão também egressos da École Normale Supérieure, desde Jean-Claude Passeron, colega de turma de Bourdieu na graduação com o qual publicou *Les Héritiers* em 1964) e Jean-Claude Chamboredon, mais novo que os dois anteriores e todos três autores de *Le Métier du Sociologue* (publicado em 1968). Entre os colaboradores de Bourdieu no início de seu centro na EHESS

estão também Monique de Saint-Martin e Luc Boltanski (este tem um livro que conta sua experiência inicial com Bourdieu: “Rendre la Réalité Insupportable”, em torno da publicação em co-autoria Bourdieu-Boltanski do artigo “La Production de l’Idéologie Dominante” em número do *Actes de la Recherche* de 1976).

Como menciona Pialoux no artigo, com base em seus interesses de estudo nas formas de moradia das classes populares, nos conjuntos habitacionais e nos conjuntos de alojamentos temporários de populações sem emprego fixo, com incidência na questão emergente da juventude nos bairros pobres, ele se aproxima de Chamboredon (que também pesquisava a juventude dos bairros populares). Mas sua ligação maior com o centro de Bourdieu se dá por meio de seus amigos de longa data Jean-Claude Combéssie (colega desde o liceu de Bordeaux) e, por meio deste, Francine Muel-Dreyfus. Combéssie, que fora ex-aluno da École Normale Supérieure e colega de Chamboredon, faz uma “thèse de doctorat d’État” (tese de longa duração, mais prestigiosa que as de “troisième cycle”) sobre trabalhadores rurais na Andalusia espanhola orientado por Georges Balandier (*Au Sud de Despeñaperros. Pour une économie politique du travail*, 1989). Detendo as propriedades de percurso mais prestigiosas na carreira acadêmica francesa (scr ex-aluno da grande escola ENS; tcr “doctorat d’État”), Combéssie torna-se nos anos 80 co-diretor (com Monique de Saint-Martin) do centro de Bourdieu na EHESS (Centre de Sociologie de l’Éducation et de la Culture), quando este assume uma cátedra no Collège de France (federado ao Centre de Sociologie Européenne, que, antes da EHESS, passa para o Collège de France). Pois bem, através de Combéssie, Pialoux se aproxima dos círculos de Bourdieu, buscando abordagens mais complexas aos debates marxianos que frequentava, como mostram seus artigos na revista *Critiques de l’Économie Politique* publicada pela editora Maspero nos anos 70 (onde são seus colegas desde esta revista marxista Alain Desrosières e Bruno Théret). Através de suas pesquisas sobre a moradia das classes populares, com base nas quais publica o longo artigo “Jeunes sans avenir et travail intérimaire” no *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1979) dirigida por Bourdieu, procura fazer uma tese de “doctorat d’État” como é salientado nesse artigo. Mas essa pretensão, que o colocaria num percurso mais vantajoso de carreira, é abandonada pelo contato ocasional que teve com o militante sindical de base Christian Corouge, metalúrgico da empresa de automóveis Peugeot da cidade de Sochaux, no leste da França. Corouge havia se tornado amigo do cineasta Bruno Muel, marido de Francine Muel-Dreyfus, desde que este o havia filmado durante as revoltas operárias de 1968 em Sochaux. Bruno Muel era um dos principais animadores do grupo de cineastas documentaristas chamado “Les groupes Medvedkine” (inspirados no cineasta soviético Alexandre Medvedkine, que criou um cinema-trem, unidade móvel de filmagem que

percorria grupos de camponeses, mineiros e operários na Rússia em 1932) que filmaram lutas operárias na França entre o final dos anos 1960 e início dos 1970 (como os filmes *Sochaux 11 juin 1968* e *Les 3/4 de la vie; weekend à Sochaux*, ambos filmados por Muel e o último dos quais com a parceria do cineasta Chris Marker). Desse período de filmagens em Sochaux o então jovem operário Christian Corouge guardou amizade com o casal Muel, que o apresentou a Pialoux no início dos anos 1980 quando Corouge era delegado sindical e veio a Paris para negociações na sede patronal. Desse contato seguiu-se a ida em 1983 de Pialoux a Sochaux fazer a série de entrevistas sobre a trajetória de Corouge, então em plena crise pessoal, profissional e política e propenso a fazer uma longa reflexão, com a ajuda do sociólogo Pialoux, sobre a condição operária e os dilemas do militante sindical (situação de necessidade de auto-reflexão psicanalítica também encontrada por Michael Pollak em suas entrevistas com egressas dos campos de concentração nazistas, pesquisa que acabara de fazer). Esse “choque científico”, como o denomina Pialoux, acabou fazendo-o engajar-se totalmente na pesquisa de longa duração sobre as transformações da condição operária nas grandes fábricas automobilísticas, com base nesse contato inicial e de um trabalho conjunto entre ele-mesmo-sociólogo e o operário-sociólogo-espontâneo que era Corouge. Com contatos similares em qualidade aos de Corouge, Pialoux iniciou uma longa pesquisa sobre os operários de Sochaux, sem prazo definido e com os eventuais pequenos financiamentos que pudesse vir a obter, que o fizeram abandonar seu projeto de tese de doutorado de Estado.

Mesmo com seus contatos “longínquos e episódicos” com Bourdieu, como os classifica Pialoux na nota de rodapé 3, aquele se interessou pela longa série de entrevistas de Pialoux com Corouge e publicou extratos selecionados desses relatos na seção que então se iniciava no *Actes de la Recherche*, chamada “Notes et esquisses”. As “*Chroniques Peugeot*”, assim intituladas, inauguraram esta seção e se repetiram entre os números 52-53 e 54 de 1984 e 57-58 e 60 de 1985, presentes assim em quatro números quase consecutivos da revista. Era talvez uma forma de a revista retomar seu caráter inovador e iconoclasta dos primeiros números dos anos 1970 (quando logo se iniciou com temas, tais como o campo da moda feminina, o campo das histórias em quadrinho, a sociologia dos acidentes automobilísticos etc.) fazendo da revista repositório de “ações” (atos e atas) da pesquisa, lembrando tais intenções ao estimular a publicação de entrevistas e notas de pesquisa sem o caráter formal de artigos “acabados”. A série das “Crônicas Peugeot”, bem como os artigos de Sayad compostos com base em longas entrevistas, artigos de Yvette Delsaut sobre o modo de vida das classes populares no Norte da França, baseados em sua vivência discreta de pesquisadora nativa, puderam tornar-se a posteriori precursores do que viriam a ser as entrevistas editadas no livro “A Miséria do Mundo”, que

representa uma guinada política de Bourdieu como intelectual público, com a imensa repercussão tida pelo livro tornado um *best-seller* de mais de 500 páginas, em 1993.

Dessa forma, aquilo que é dito no artigo sobre a predominância dos estudos baseados em inquéritos e estatísticas por meio de questionários, que seria prevalescente no CSE nos anos 60 e 70, deve ser relativizado como o é pelos próprios autores.

Quando Beaud se associou a Pialoux em 1988, este já havia iniciado sua pesquisa em Sochaux havia alguns anos. Beaud era então jovem professor no mestrado que têm conjuntamente a EHESS e a École Normale Supérieure e que se dava na sede desta última. O diretor de então deste mestrado era J.C. Chamboredon, ex-parceiro de Bourdieu no *Le Métier du Sociologue* e que continuou trabalhando com ele até o início da revista *Actes de la Recherche* na segunda metade dos anos 1970. Como Passeron - companheiro de turma de Bourdieu na ENS e que com ele publicara *Les Héritiers* e *La Reproduction*, além do *Métier*; e que dele se afastara no início dos anos 1970 antes mesmo da produção da revista *Actes* (para reatarmos relações no fim da vida de Bourdieu) -, Chamboredon foi o seguinte a se afastar da equipe - e se dedicava nos anos 1980 à direção desse curso na ENS. Novas gerações de professores começaram a se agregar a esse curso de ciências sociais interdisciplinar onde a constelação da sociologia de Bourdieu (e dissidentes) tinha predominância: quando do meu período de pós-doutoramento entre 1989-90, os jovens professores do quadro do curso incorporavam como colaboradores pesquisadores de outros laboratórios mas pertencentes àquela referida constelação, como era o caso de Pialoux, de Monique e Michel Pinçon, de Michel Offerlé e outros. Dentre os jovens pesquisadores da ENS, muitos dentre eles ex-alunos dessa mesma *grande école* ou que dela se aproximaram pela atração exercida por Chamboredon e pelo diretor seguinte Christian Baudelot, estavam Gérard Noiriel, Florence Weber, Benoît de l'Estoile e o próprio Stéphane Beaud. Como jovens professores nesse curso de mestrado da ENS de dedicação intensiva aos alunos (em ritmo de *grand école*), Beaud e Weber acabaram desde 1984 por centralizar um curso de estágios de trabalho de campo em uma cidade pequena ou média na grande área metropolitana parisiense todo ano. Professores eram convidados para participar desses estágios: Lygia Sigaud, que foi professora visitante da ENS, participou de vários; eu mesmo participei de um deles no inverno de 1998. Dentre os principais colaboradores que estão nos agradecimentos do livro *Guide de l'Enquête de Terrain* (de S. Beaud e F. Weber, 1997) que resultou desses cursos, figuram Chamboredon, Alban Bensa e Pialoux. Por esta constelação de sociologia que privilegiava a história e a etnografia formou-se uma rede que deu origem à revista *Genèses*, em 1990. Formada nesta constelação bourdieusiana, era expressão de novas gerações espalhadas em diferentes instituições e laboratórios

(como na ENS, na EHESS e no IRESCO) e se diferenciava do centralismo exercido pela cátedra (por mais revolucionária que fosse) de Bourdieu na EHESS (e depois no Collège de France).

Foi nesse contexto que Beaud encontrou Pialoux, em que novas gerações que ampliavam o campo das ciências sociais privilegiavam o investimento no trabalho etnográfico das gerações anteriores. Na divisão do trabalho estabelecida entre estes dois novos colaboradores que tinham entre eles uma diferença de vinte anos de idade, Beaud se encarregou de novas frentes de pesquisa entre os operários de Sochaux, focalizando-se nos trabalhadores jovens temporários, de contratos precários, assim como no sistema escolar da área, que desemboca no ensino técnico-profissional de que se utiliza o recrutamento de trabalhadores feito pela Peugeot. E Pialoux continuou seu trabalho de pesquisa de longo prazo com as gerações mais estáveis de operários.

Tal trabalho de longo prazo afinal teve seus resultados no livro *Retour sur la condition ouvrière*, publicado em 1999 e que teve uma acolhida favorável na crítica especializada e no público leitor. Já contando com um leitorado ávido pela análise das transformações havidas no interior das classes populares do qual era sintomática a recepção à obra *Miséria do Mundo*, coordenada por Bourdieu, e que saiu em 1993, o *Retour* apresentava este trabalho sobre as mudanças sofridas pela classe operária industrial francesa desde os anos 1970. Ainda a classe social mais numerosa da França, apesar de sua invisibilidade desde os anos 1990, o retorno à condição operária, condição esta que sempre forneceu a base do imaginário social do socialismo e que parecia desaparecida do cenário do capitalismo neo-liberal hegemônico no mundo, volta para o público leitor com sua carga de injustiças no trabalho e no mundo social extra-fábrica, ainda significativo do que ocorre no conjunto do mundo do trabalho nos escritórios e nos serviços tidos como novos territórios assépticos de um individualismo empresarial para todos. A realidade dos processos de exploração de trabalhadores de origem francesa e imigrantes, com suas formas possíveis de resistência cotidiana, revigorada pelo desvendamento sociológico e etnográfico do estudo de longos anos, causa um efeito de novidade sobre um esquecimento imposto pelo sistema seletivo das informações manejado pelas forças sociais dominantes. O livro trata minuciosamente das transformações havidas no interior das fábricas e usinas automobilísticas no sentido de novas formas de dominação quebrando as formas coletivas e as resistências correspondentes propiciadas pelo taylorismo e o fordismo, agora balanceadas por formas de controle mais finamente individualistas (mesmo que recompondo grupos coletivos atravessados por formas de controle que os dividem no seu interior), e por contratos temporários e precarizados de trabalho que impedem a formação de coletivos de colegas de trabalho. Todo o processo historiográfico e etnográfico dessas modificações no processo de trabalho é reconstituído

com base na relação de confiança adquirida pelos pesquisadores com os trabalhadores que são seus colaboradores de longa data na pesquisa, a exemplo de Christian Corouge. A desobreirização efetuada pela empresa no processo de trabalho é estudada na segunda parte do livro pelo viés da escola, no que esta incentiva uma cultura técnica que menospreza os saberes operários e populares, distanciando as novas gerações da antiga cultura operária. A escolarização mais longa dos filhos de operários contribui para afastá-los da antiga cultura operária voltada mais de imediato para o trabalho. No entanto, os insucessos escolares crescentes desses filhos de operários fazem-nos permanecer frequentemente num limbo entre a antiga integração pelo trabalho e a nova integração pela via escolar. Os autores também não se furtam a analisar o crescente racismo no interior do contingente de trabalhadores além de apontarem para o paradoxo de uma votação operária no interior das fábricas que tem favorecido a CGT e uma votação crescente no *Front National* no nível das eleições municipais.

O sucesso do livro provocou uma edição de bolso resumida em 2005 (pela editora 10/18) e em 2012 uma nova reedição do livro completo em formato de bolso pela *La Découverte/Poche*. Esta última edição tem um novo prefácio e um novo posfácio, denotando a atualidade que o livro continua tendo. Por outro lado, os autores na continuidade de sua permanência no campo testemunharam, em junho de 2000, pouco tempo depois da publicação da primeira edição do livro, uma revolta urbana no conglomerado urbano de Sochaux-Montbéliard. Essa observação deu margem a um segundo livro sobre a mesma área, incorporando a explicação da revolta à pesquisa de longo prazo realizada, em particular a pesquisa sobre a geração dos jovens trabalhadores temporários. O livro *Violences urbaines, violence sociale; genèse des nouvelles classes dangereuses*, publicado em 2003, situa a revolta dos jovens suburbanos ao tempo longo da crise (a busca do emprego, as dificuldades de aprendizagem e formação, a vulnerabilidade no trabalho), às esperanças e desilusões desses jovens de conjuntos habitacionais populares (*jeunes de cité*) quanto ao trabalho fabril, à ameaça da crescente feminização do trabalho, à ruptura entre as gerações operárias e à segregação social e espacial dos filhos de imigrantes. Neste segundo grande livro (o primeiro, na edição de 1999, tinha 468 páginas, na edição atual tem 500; o segundo tem 425) Beaud pôde retomar seu investimento com os jovens escolarizados das novas gerações de trabalhadores temporários e precarizados, sejam eles filhos de franceses ou de imigrantes, pois vinha de publicar em 2002 «80% au bac» et après?: *les enfants de la démocratisation scolaire* (Paris: La Découverte) e estava em plena elaboração de outro ainda, com Younes Amranis, *Pays de malheur! Un jeune de cité écrit à un sociologue* (La Découverte, 2004). Este último livro se iniciou com base na correspondência eletrônica emocionada de Younes para Beaud como comentário ao livro “80% au bac”, que lhe dizia muito sobre

sua própria história de vida. Essa correspondência tomou forma numa versão eletrônica, por assim dizer, similar à empatia despertada anos antes entre Corouge e Pialoux. E Pialoux pôde retomar, de forma ampliada nesse novo livro em colaboração com Beaud (*Violences urbaines*), as preocupações de seu artigo de 1979, “*Jeunesses sans avenir et travail intérimaire*” (e que permaneceram em *Retour*).

Ainda atraído pela juventude de filhos de imigrantes, Beaud enveredou por uma pesquisa a propósito da sobre-representação desse contingente na seleção francesa de futebol e os efeitos de sua presença em copas, como a de 1998 na França ou as seguintes. Sua proximidade com o futebol o havia feito publicar com Gérard Noiriel o artigo “L’immigration dans le football”, em 1990, na revista *Vingtième Siècle*, e os acontecimentos relacionando a seleção nacional francesa aos filhos de imigrantes fizeram-no publicar com Philippe Guimard, *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des Bleus en Afrique du Sud* (La Découverte, 2011).

Já Pialoux, após o sucesso alcançado, juntamente com Beaud, com os livros “*Retour...*” e “*Violences urbaines...*” (que também foi objeto de uma reedição em livro de bolso) pôde finalmente concretizar a publicação em livro das entrevistas expandidas com Christian Corouge, *Résister à la chaîne: dialogue entre un ouvrier de Peugeot et un sociologue* (Agonc, 2011) e finalizar o projeto biográfico que deu início à pesquisa toda.

Em todo este itinerário de pesquisa em equipe a dois pesquisadores, Pialoux garantiu a ligação da dupla aos projetos de Bourdieu como no caso de *La Misère du Monde* (Bourdieu tinha certa desconfiança em relação aos pesquisadores da ENS ligados a Chamboredon, o que se estendia a Beaud). Mas, quando Bourdieu se tornou o intelectual público após o sucesso de *A Miséria do Mundo* e a sua participação no apoio à greve dos ferroviários em 1995, suas posições acabaram por atrair cada vez mais uma constelação de pesquisadores bem mais ampla do que aqueles com os quais trabalhava em seu centro na EHESS e no Collège de France. E são essas posições assim como o conjunto de suas posições no campo científico que Pialoux e Beaud tentam defender diante das novas gerações de pesquisadores a quem se dirigem.

Se compararmos aquilo que Pialoux e Beaud descrevem no artigo como uma “virada etnográfica” da sociologia francesa desde os meados dos anos 1990 e as consequências disso sobre a apropriação de Bourdieu nas novas gerações francesas com o que se passava no Brasil relativamente àquela apropriação, algumas observações podem ser feitas.

Como delineamos em artigos anteriores, a recepção de Bourdieu no Brasil se deu fortemente pelos antropólogos no que diz respeito a seus trabalhos sobre a Cabília e sobre o campesinato francês. Sou testemunha dessa apropriação desde o início dos anos 1970 no seio da equipe de antropólogos que iniciou uma pesquisa de longa duração entre diferentes grupos sociais na

zona açucareira de Pernambuco, depois estendida a outros estados do Nordeste, então coordenada por Moacir Palmeira. Na ocasião nossa leitura de Bourdieu priorizava seus artigos e livros sobre campesinato mas também se apropriava dos nexos entre essa produção e sua crítica do mundo escolar e intelectual, visto como um projeto de conjunto de crítica às dominações sociais (ao contrário de grande parte da recepção internacional da obra de Bourdieu nos países anglo-saxônicos, que tende a uma apropriação parcelada e estanque por especialistas das áreas diversas em que aquele autor se aventurou; cf. CALHOUN, 2005). De forma que o caráter etnográfico da produção de Bourdieu parecia para nós incontestável. Também o estímulo que sua leitura trazia no sentido de uma teoria posta à prova e subordinada aos achados empíricos trazidos pelas incertezas da vida real parecia incontestável. A formulação de Palmeira sobre a “teoria investida nos fatos” que está nessa espécie de manifesto de trabalho de longo prazo contido no prefácio ao “Vapor do Diabo” (1976), primeira publicada da série de monografias de grupos situados entre o campesinato e as classes trabalhadoras que aquele grupo de pesquisa contemplou, firmou-se com bastante antecedência às citações que Beaud e Pialoux fazem da *grounded theory* redescoberta pelos sociólogos franceses do final dos anos 1990.

Em parte em virtude da repressão à sociologia nas universidades brasileiras por parte da ditadura militar, em parte pela via do fato de que a antropologia social sob a forma de pós-graduação se iniciou pela contingência do Museu Nacional ser uma instituição sem graduação e, portanto, sem movimento estudantil, passando mais despercebida pelas autoridades coatoras, isto acabou propiciando a canalização para a antropologia de parte das vocações sociológicas sufocadas pela ditadura. Fazendo parte de um país com nativos próprios, populações “tradicionais”, um grande campesinato e populações urbanas crescentes e diversificadas, a antropologia no Brasil se fazia “em casa”. Com base nessa ancoragem passou a abrigar desde o estudo dos povos indígenas, ao estudo do campesinato, das crenças e religiões, assim como crescentemente das populações urbanas. A antropologia urbana, que se fazia no limite da sociologia, passou a ter no Brasil uma feição mais antropológica, e a chamada “anthropology at home” (título de um seminário da Associação Britânica de Antropólogos, de 1984) dos países academicamente dominantes e participantes principais ou secundários de impérios coloniais foi no Brasil efetivada de forma antecipada.

Os estudos etnográficos de Bourdieu faziam parte da bagagem literária privilegiada dos seminários de antropologia nos temas de campesinato, parentesco, honra, concepções de tempo, trabalho e salário, rituais e lutas de classificações. Associada à contribuição de outros antropólogos das mais diversas procedências e escolas, a vantagem da construção de conhecimento numa comunidade acadêmica periférica está na possibilidade de jogar com as escolas dos países dominantes e apropriar-se da confrontação

assim constituída. Uma “escola” como a de Bourdieu fica assim menos vista de forma isolada do que acontece no caso da França, onde passou de escola emergente a dominante entre os anos de 1960 aos anos 2000. As novas gerações francesas têm que se defrontar com as rivalidades de escolas nacionais de forma mais imediata e estreita.

É verdade que a estratégia de Bourdieu de estudar a sociologia da escola, da cultura, dos intelectuais, das formas e processos de dominação focalizando setores dominantes e o próprio Estado foi em grande parte feita por meio da construção de dados estatísticos. Para o estudo dos processos culturais em sociedades complexas lançou mão de instrumentos estatísticos para a sua percepção competindo com outras escolas sociológicas na produção destes instrumentos (cf. a trajetória comparativa entre Bourdieu e Touraine a esse respeito em LEITE LOPES, 2013; aliás um dos motivos de Bourdieu não se aventurar mais em estudos sobre o trabalho é já ter encontrado esse nicho ocupado por outros colegas com os quais concorria e dos quais discrepava). Mas nunca abandonou o estímulo à produção de monografias e estudos de feição etnográfica e a eles voltou com mais intensidade no final da vida. Se pagou um preço pela priorização de seus investimentos no estudo dos centros de dominação, não deixou de compreender os processos que se passavam com os dominados nem deixou de estimular seus colaboradores a fazerem estes estudos, como bem mostra o artigo de Beaud e Pialoux. Além disso, apesar de se situar na crítica simultânea ao objetivismo estruturalista e ao subjetivismo interacionista não descuidou de publicar autores do interacionismo simbólico como Goffman, Hannerz e outros em sua coleção nas *Éditions Minuit*. Por outro lado, a publicação na França dos trabalhos de Howard Becker se deu por intermédio de discípulos de Bourdieu ou de seus dissidentes, como J. P. Chapoulié.

O fato é que Pialoux e Beaud prestam uma homenagem a Bourdieu mostrando como no caso de estudos etnográficos de setores dominados como a classe operária francesa e seus trabalhadores imigrantes a presença de sua sociologia antropológica e histórica permanece fundamental, não devendo ser descartada pelas novas gerações.

A trajetória exemplar dessa dupla de sociólogos etnográficos Michel Pialoux e Stéphane Beaud tem muito a contribuir para os estudiosos brasileiros sobre as classes trabalhadoras do campo e da cidade. Em sua vinda ao Brasil por meio de convênio entre a UFRJ (Museu Nacional e IFCS) e a EHESS (centro de Bourdieu) em 1992, Pialoux travou conhecimento direto com colegas do Rio e de São Paulo, tendo participado da reunião da ANPOCS daquele ano. Também foi levado a visitar os operários automobilísticos brasileiros e foi acolhido pelas comissões de fábrica da Volkswagen e da Ford, levado que foi pelos então pós-graduandos de história da Unicamp Hélio da Costa, Paulo Fontes e Antonio Negro, que colaboravam na educação sindical do Instituto Cajamar. E no Rio, foi levado a visitar o estaleiro da

Ishikawagima pela antropóloga Diana Antonaz e pelo economista do DIEESE e ex-soldador naval Jardel Leal. Beaud, que veio por convênio similar em ano posterior, também pôde interagir com colegas sociólogos e antropólogos, além de se inteirar dos estudos de ciências sociais sobre futebol no Brasil que lhe interessava realizar de forma similar na França. Alguns anos depois tem seu livro *Retour sur la Condition Ouvrière* traduzido no Brasil, assim como artigos como este e entrevistas (como a que foi publicada na revista Tempo Social) e um vasto reconhecimento de sua obra no Brasil. Este artigo de Pialoux e Beaud, que esclarece o trabalho da dupla de sociólogos, fazendo ao mesmo tempo homenagem a Bourdieu, é assim uma excelente contribuição e um estímulo para a valorização dos trabalhos de etnografia das classes trabalhadoras que continuam sendo produzidos em vários países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALHOUN, Craig. Centralité du social et possibilité de la politique. In : J. Dubois, P. Durant e Y. Winkin (Org.). *Le Symbolique et le Social. La réception internationale de la pensée de Pierre Bourdieu*. Liège: Les Presses Universitaires de Liège, 2005, p. 225-256.
- LEITE LOPES, J. Sérgio. Touraine e Bourdieu nas Ciências Sociais Brasileiras. Duas Recepções Diferenciadas. Rio de Janeiro: *Sociologia & Antropologia*, Vol. 03-05, junho, 2013, p. 43-79.
- _____. A recepção dos trabalhos de Pierre Bourdieu e a renovação das análises sobre as classes populares brasileiras. *Cultura Vozes* 4, Vol. 97: 5-21, 2003